



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Propostas metodológicas para o estudo das tendências da fragmentação socioespacial em cidades brasileiras¹

Eda Maria Góes²

Resumo: O Projeto Temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos” parte do pressuposto de que a diferenciação socioespacial em cidades brasileiras vem se aprofundando e aponta para a constituição do processo de fragmentação socioespacial. A partir dele, nos propusemos a compreender, no plano da cidade e do urbano, como a lógica socioespacial fragmentária altera o conteúdo da diferenciação e das desigualdades, redefinindo os sentidos do direito à cidade. As cidades selecionadas para análise contemplam realidades regionais distintas, vinculadas a diferentes formações socioespaciais, além de diferentes portes populacionais: Chapecó/SC, Dourados/MS, Ituiutaba/MG, Marabá/PA, Maringá/PR, Mossoró/RN, Presidente Prudente/SP, Ribeirão Preto/SP e São Paulo/SP. Partindo do pressuposto de que é necessário dar maior ênfase às práticas espaciais e às dimensões sociais e políticas do processo pesquisado, nessa *Sessão Livre*, apresentaremos os procedimentos qualitativos desenvolvidos em quatro frentes metodológicas, 1. Grupos focais, 2. Entrevistas (com cidadãos e agentes bem informados), 3. Percursos acompanhados (casa – trabalho – casa), 4. Netnografia, acompanhados de propostas analíticas e de alguns dos resultados obtidos em cada uma delas.

Palavras-chave: fragmentação socioespacial, práticas espaciais, propostas metodológicas, pesquisa qualitativa, urbanização brasileira.

Methodological proposals for the study of socio-spatial fragmentation trends in Brazilian cities

Abstract: The Thematic Project “Social-spatial fragmentation and Brazilian urbanization: scales, vectors, rhythms, forms and contents” assumes that socio-spatial differentiation in Brazilian cities has been deepening and points to the constitution of the socio-spatial fragmentation process. Based on it, we set out to understand, at the city and urban level, how the fragmented socio-spatial logic alters the content of differentiation and inequalities, redefining the meanings of the right to the city. The cities selected for analysis contemplate distinct regional realities, linked to different socio-spatial formations, in addition to different population sizes: Chapecó/SC, Dourados/MS, Ituiutaba/MG, Marabá/PA, Maringá/PR, Mossoró/RN, Presidente Prudente/SP, Ribeirão Preto/SP and São Paulo/SP. Assuming that it is necessary to give greater emphasis to spatial practices and the social and political dimensions of the researched process, in this *Free session*, we will present the qualitative procedures developed in four methodological fronts, 1. Focus groups, 2. Interviews (with citizens and agents well-informed), 3. Followed paths (home – work – home), 4. Netnography, accompanied by analytical proposals and some of the results obtained in each one of them.

Keywords: socio-spatial fragmentation, spatial practices, methodological proposals, qualitative research, Brazilian urbanization.

Propuestas metodológicas para el estudio de las tendencias de fragmentación socioespacial en las ciudades brasileñas

Resumen: El Proyecto Temático “Fragmentación socioespacial y urbanización brasileña: escalas, vectores, ritmos, formas y contenidos” parte del supuesto de que la diferenciación socioespacial en las ciudades brasileñas se ha ido profundizando y apunta a la constitución del proceso de fragmentación socioespacial. A partir de ello, nos propusimos comprender, a nivel de ciudad y urbano, cómo la lógica socioespacial fragmentada altera el contenido de las

¹ Projeto temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas vetores, ritmos, formas e conteúdos” (FAPESP: 2-18/07701-8).

² Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente; pesquisadora principal do Projeto Temático FragUrb.

diferenciaciones y desigualdades, redefiniendo los significados del derecho a la ciudad. Las ciudades seleccionadas para el análisis contemplan distintas realidades regionales, vinculadas a diferentes formaciones socioespaciales, además de diferentes tamaños de población: Chapecó/SC, Dourados/MS, Ituiutaba/MG, Marabá/PA, Maringá/PR, Mossoró/RN, Presidente Prudente/SP, Ribeirão Preto/SP y São Paulo/SP. Asumiendo que es necesario dar mayor énfasis a las prácticas espaciales y a las dimensiones sociales y políticas del proceso investigado, en esta Sesión libre presentaremos los procedimientos cualitativos desarrollados en cuatro frentes metodológicos, 1. Grupos focales, 2. Entrevistas (con ciudadanos y agentes bien informados), 3. Caminos seguidos (casa – trabajo – casa), 4. Netnografía, acompañada de propuestas analíticas y algunos de los resultados obtenidos en cada una de ellas.

Palabras clave: fragmentación socioespacial, prácticas espaciales, propuestas metodológicas, investigación cualitativa; urbanización brasileña.

Analisar as mudanças do urbano na atual fase de urbanização planetária (BRENNER, 2014), com especial atenção às mudanças experimentadas pela urbanização brasileira, é o desafio que pretendemos enfrentar a partir do reconhecimento e investigação dos processos de fragmentação socioespacial, além de contribuir na elaboração de seu conceito. Com esses objetivos, foi elaborado coletivamente o Projeto Temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos” (FragUrb, FAPESP: 2018/07701-8), que parte do pressuposto de que a diferenciação socioespacial em cidades brasileiras vem se aprofundando e aponta para a constituição do processo de fragmentação socioespacial. A partir dele, nos propusemos a compreender, no plano da cidade e do urbano, como a lógica socioespacial fragmentária altera o conteúdo da diferenciação e das desigualdades, redefinindo os sentidos do direito à cidade.

Este objetivo central desdobra-se em quatro planos analíticos: i) *passagem da lógica socioespacial centro-periférica para a lógica socioespacial fragmentária*; ii) *interpretação da fragmentação socioespacial por meio das formas contemporâneas de diferenciação e desigualdade, a partir das práticas associadas ao cotidiano urbano*; iii) *desdobramentos da lógica socioespacial fragmentária sobre o par espaço público/espço privado*; iv) *papel das instituições políticas, dos agentes econômicos hegemônicos e dos sujeitos sociais não hegemônicos*.

Em que pese o caráter relativamente polissêmico do termo fragmentação e sem perder de vista os pressupostos acima enunciados, para a realização da pesquisa proposta, três aspectos são fundamentais: 1. se trata de um processo e não de um fato, portanto, não se busca novos elementos, mas “tendências que esbarram umas, ou se reforçam, outras ao longo desses cinquenta anos”, correspondendo à passagem do padrão centro – periferia para relações espaço – sociedade fragmentárias, que não ocorrem por meio de rupturas totais, mas de mudanças de amplo alcance (MORCUENDE, 2021, p.8); 2. envolve dimensões espaciais, sociais e políticas e assim, a integralidade da vida urbana (MAGRINI, 2013); 3. diz respeito às práticas espaciais, nunca entendidas isoladamente, mas em sua relação dialética com as ações e escolhas de diversos agentes, como as empresas e o Estado, que se combinam e se contrapõem num movimento cotidiano, que congrega potencialidades e entraves, materiais e simbólicos, que atingem de modo desigual os cidadãos (SPOSITO, 2018, p.21).

Para o Projeto Temático FragUrb (SPOSITO, 2018, p. 27 e seguintes), um dos fundamentos consiste em compreender os cruzamentos entre o desenvolvimento mundial do capitalismo em seu processo histórico, especialmente considerando suas reestruturações e sua realização em diferentes formações socioespaciais, conforme a divisão territorial do trabalho e,

por conseguinte, da estruturação da rede urbana. Assim, a escolha das cidades para a pesquisa leva em conta a formação socioespacial como categoria analítica, tal como desenvolvida por Santos (1977), a partir da categoria marxiana de formação econômico-social. O Brasil é heterogêneo em sua composição territorial, o que se explica em função das “variações da existência histórica determinada” (SANTOS, 1977, p. 84), razão pela qual cada cidade escolhida é a expressão urbana da especificidade de cada formação.

As cidades selecionadas para análise contemplam, portanto, realidades regionais distintas, vinculadas a diferentes formações socioespaciais, embora não deem conta de toda a diversidade de formações existentes no país. Dessa forma, consideram-se:

- o contexto ligado ao desenvolvimento do ciclo cafeeiro e sua expansão, representados por Ribeirão Preto, Presidente Prudente, Maringá e São Paulo, a grande metrópole brasileira, em que os processos econômicos, políticos e sociais têm sua magnitude mais avançada;
- a realidade da Amazônia Oriental, na qual se insere Marabá;
- o sertão nordestino, com Mossoró;
- as regiões de grande e média propriedades rurais, representadas por Dourados e, em alguma medida, por Ituiutaba; e
- as das pequenas propriedades de base familiar, em Chapecó, na Região Sul.

Partimos, assim, da ideia de que os aspectos relativos ao processo de produção do espaço urbano estão atrelados à dinâmica de cada formação socioespacial que, por sua vez, influencia os processos de reestruturação urbana e da cidade. Escolhemos cidades que contemplam múltiplos contextos históricos e situações geográficas, com centros urbanos de portes demográficos variados e que desempenham diferentes papéis no âmbito da rede urbana e da divisão territorial do trabalho. Por isso mesmo, o conjunto abrange desde São Paulo, capital de estado, maior cidade do país, com mais de 460 anos de história e população de 11,2 milhões de habitantes, situando-se no topo da hierarquia urbana e polarizando uma grande aglomeração urbana, até Ituiutaba, com 120 anos (e outras com menos), situada no interior de Minas Gerais, com cerca de 100 mil habitantes e dinâmica atrelada às funções primárias da economia.

Em relação ao porte demográfico, a Tabela 1 expõe a evolução da população e a taxa de urbanização, a partir de 1960, ressaltando as diferenças existentes entre os municípios que abrigam cada cidade a ser analisada.

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO E DA TAXA DE URBANIZAÇÃO – 1980-2010

População e taxa de urbanização		1980	1991	2000	2010	2020*
São Paulo	Pop.	8.493.217	9.646.185	10.434.252	11.253.503	12.325.232
	Tx. urb.	98,16	97,58	94,05	99,10	
Ribeirão Preto	Pop.	318.544	436.682	504.923	604.682	711.825
	Tx. urb.	96,81	97,74	99,57	99,72	
Maringá	Pop.	168.232	240.292	288.653	357.077	430.157
	Tx. urb.	95,49	97,41	98,38	98,20	

Mossoró	Pop.	145.981	192.267	213.841	259.815	300.618
	Tx. urb.	84,21	92,23	93,10	91,31	
Marabá	Pop.	59.881	123.668	168.020	233.669	283.542
	Tx. urb.	69,72	82,83	79,97	79,72	
Presidente Prudente	Pop.	136.849	165.484	189.186	207.610	230.371
	Tx. urb.	94,72	96,82	97,91	97,96	
Dourados	Pop.	106.500	135.984	164.949	196.035	225.495
	Tx. urb.	79,68	90,35	90,89	92,33	
Chapecó	Pop.	83.772	123.050	146.967	183.530	224.013
	Tx. urb.	65,92	78,63	91,58	91,60	
Ituiutaba	Pop.	74.240	84.577	89.091	97.171	105.255
	Tx. urb.	87,73	92,47	94,12	95,84	

*População estimada em 01.07.2020.

Fonte: IBGE, 2010 (SPOSITO, 2018, p.29) e IBGE, 2021. Estimativas da População, disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=28674&t=resultados>.

No cenário interpretado com base nos dados de 2010, a transferência da população para as áreas urbanas nesses municípios, em geral, acompanha o intenso aumento da taxa de urbanização no país ao longo das últimas décadas. Não obstante, chama a atenção o fato de, a partir de 2010, a taxa de urbanização municipal ter sido superior a 90% em todos os casos, à exceção de Marabá.

Tem-se, assim, um conjunto de cidades que apresentam particularidades e semelhanças a partir de diferentes aspectos demográficos, históricos e espaciais, melhor apreendidos no âmbito de suas formações socioespaciais. As especificidades regionais apresentam elementos importantes para se apreender as diferenças de formação socioespacial e de níveis de articulação de cada cidade e sua região, o que reforça a importância da compreensão de cada formação econômica e social ao longo do tempo e no espaço para o Projeto Temático FragUrb.

A opção para dar maior ênfase às práticas espaciais, tomando como referência o estudo de diferentes cidades brasileiras, apoia-se no reconhecimento de que há distinção, mas também relação inequívoca entre sujeitos sociais e espaço, levando-nos a reconhecer as articulações entre espacialidades e espaços. Portanto, se desejamos dar maior ênfase às dimensões sociais e políticas do processo, é muito importante que a pesquisa se organize, inicialmente, a partir de estratégias e instrumentos metodológicos de perfil qualitativo, para somente depois orientar-se à compilação mais detalhada de informações e formação de bancos de dados (análise de natureza quantitativa, com tratamento estatístico).

Como buscamos apreender processos, movimentos e dinâmicas com suas ressignificações, reconhecemos a importância das relações entre espaço e tempo e, decisão crucial da pesquisa, adotamos a perspectiva do cotidiano para a apreensão das práticas espaciais dos cidadãos, necessárias para a compreensão da produção do espaço urbano, em suas múltiplas temporalidades. Além de dinâmicas, tais práticas comportam relações contraditórias entre reprodução e inovação, entre repetição e criação, entre o esperado e o inusitado, pares estes em frequente tensão, que só podem ser identificados quando se valoriza o papel de cada cidadão como sujeito, ainda

que seus limites e possibilidades não sejam os mesmos dos agentes produtores do espaço, como as grandes empresas e o poder público, cuja influência nas formas de uso social e econômico deste espaço é não apenas reconhecível mas carregam lógicas próprias.

Diante da necessidade de apreensão de tais práticas, no âmbito do Projeto Temático FragUrb, foram propostas seis frentes metodológicas: 1. Grupos focais, 2. Entrevistas (com cidadãos e agentes bem informados), 3. Percursos acompanhados (casa – trabalho – casa), 4. Netnografia, 5. Banco de dados e 6. Cartografia. Nessa Sessão Livre, vamos apresentar os procedimentos desenvolvidos e implementados pelas quatro primeiras frentes metodológicas, acompanhados de propostas analíticas e de alguns dos resultados obtidos em cada um deles, conforme descrito em seguida.

1. Grupo focal na análise da fragmentação socioespacial

Nécio Turra Neto³

A equipe responsável aposta na possibilidade de “produzir uma fala em debate” (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002) e orienta sobre os cuidados necessários à composição, constituição e operacionalização dos grupos, enfatizando a decisão de reunir mulheres residentes em empreendimentos habitacionais do denominado Faixa 1 do Programa Minha Casa Minha Vida, de maneira alinhada com a perspectiva de um olhar das “periferias pobres para o centro” em cada cidade. Importa ressaltar as várias “decisões de pesquisas” tomadas pela equipe e os promissores resultados alcançados.

Em cada cidade foram selecionados, então, conjuntos habitacionais e a equipe tem enfrentado o desafio de reunir mulheres em torno de uma roda de discussão, mesmo em contextos urbanos em que não há muitos contatos prévios. O caminho mais promissor tem sido acessar as mulheres a partir das escolas de educação infantil, convidando-as no momento de entrada ou de saída, a permanecer um pouco mais para realização da reunião. Em todas as ocasiões, é servido um café e há espaço para o cuidado das crianças, o que aponta para a necessidade de um trabalho em equipe. As questões de partida versam sobre os aspectos positivos e negativos de se morar no bairro, seguido de questões específicas sobre cada uma das dimensões empíricas do projeto, seguidas pela questão de fechamento, que remete ao futuro. Os resultados têm apontado para uma experiência de habitar a periferia das cidades em condições precárias e, no mais das vezes, em ocupações ilegais ou em aluguéis inviáveis dentro dos níveis de renda das famílias. A realocação para uma nova porção da cidade coloca as famílias em outras situações igualmente precárias, ainda que agora como detentoras da sua própria casa. A deficiência de transporte público, com seus impactos na mobilidade urbana, a falta de alguns serviços públicos e de oferta de comércio e serviços privados emergem como problemas a serem cotidianamente enfrentados, a partir de diferentes estratégias familiares. Contudo, é unânime o valor da casa própria, que confere às famílias uma perspectiva mais promissora de futuro e este é o principal fator pelo qual as mulheres afirmem que pretendem permanecer no conjunto habitacional. Também o fato de que comparam suas condições atuais com a condição de outros períodos, bem como de outras áreas da cidade, mais precárias ainda, é

³ Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente; membro da equipe do Projeto Temático FragUrb.

um elemento importante para constituir nas mulheres que participaram dos grupos focais uma perspectiva de que se nem sempre estão numa condição favorável, ela poderá melhorar e já é, como ponto de partida, melhor que a situação de moradia anterior.

2. Entrevistas com cidadãos e agentes bem informados: perspectivas para análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária

Eda Maria Góes⁴

Esse procedimento metodológico volta-se a dois diferentes interlocutores: cidadãos residentes em diferentes *hábitats* e agentes bem informados, entendidos como àqueles que desempenham funções que possibilitam acesso a informações importantes para a pesquisa. No primeiro caso, um detalhamento sobre o cotidiano organizado com base em cinco dimensões empíricas priorizadas (habitação, trabalho, lazer, consumo e mobilidade) é buscado, sem perder de vista opiniões, critérios de escolha e estratégias para enfrentamento de problemas que caracterizam a vida urbana. Destaca-se o trabalho prévio de identificar os diferentes *habitats*, elaborar roteiros da entrevista, sua execução e todas as etapas necessárias após as entrevistas, para viabilização da análise.

Diante do grande volume de material produzido com entrevistas em nove cidades, adotamos como alternativa metodológica preparatória para a análise, a elaboração de quadros que categorizassem o conteúdo das entrevistas com cidadãos, seja por dimensão empírica priorizada, seja pelos diferentes planos analíticos com base nos quais a pesquisa se organiza (acima descritos).

No segundo caso, das entrevistas com agentes bem informados, partimos do entendimento de que tais entrevistados são considerados como 'agentes', por sua capacidade de atuação na produção no espaço urbano e, 'bem-informados', em virtude das informações que detêm. A partir da sua identificação em cada cidade, apresentamos os roteiros elaborados e testados, finalizando com um balanço dos resultados já obtidos e daqueles potenciais. Em geral, essas entrevistas não são consideradas isoladamente, mas em conjunto com outros procedimentos metodológicos.

Dentre os resultados, se destacam aqueles resultantes da elaboração de quadro com a categorização dos conteúdos das entrevistas associadas ao PLANO ANALÍTICO 3. Mudanças no par espaço público/espaço privado, com cidadãos de Dourados (MS), que possibilita lermos o conjunto de práticas espaciais realizadas por cada um deles em relação aos principais espaços públicos – leitura horizontal –, mas também ter um panorama geral em relação aos grupos de cidadãos de *hábitats* de classe média e de *habitats* populares, ou seja, possibilita aferir determinados padrões, mas também as exceções – leitura vertical. Por exemplo, na leitura horizontal, apreendemos as práticas espaciais nos espaços públicos e privados e suas motivações, mas ainda os motivos do não uso desses espaços, identificando conflitos, contradições etc. Na leitura vertical, focamos na frequência ao centro e, ao observá-la em todas as entrevistas, pontos de interesse e uma visão geral são delineados, em termos de frequências, acerca de Dourados.

Também são apresentados resultados obtidos à partir da elaboração de quadros com a categorização dos conteúdos das entrevistas associadas à mobilidade.

⁴ Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente; pesquisadora principal do Projeto Temático FragUrb.

Nesses exemplos, se considera que a mobilidade urbana, associada à acessibilidade urbana, dá suporte para as outras dimensões da vida urbana, constituindo, ela mesma, uma experiência particular, ao revelar como ocorre o movimento na cidade. Vivenciar a cidade a pé, de bicicleta, de carro, no transporte coletivo, fomenta relações socioespaciais diferenciadas e diferenciadoras, como apreendemos nas entrevistas, que são cruciais para entender como os cidadãos se deslocam, fazendo (ou não) a ligação entre fragmentos em suas diferentes atividades.

3. Percursos acompanhados (casa – trabalho – casa) na análise da fragmentação socioespacial

Patricia Maria de Jesus⁵

Nessa proposta metodológica, cujo caráter inovador se destaca, é problematizado um tipo de deslocamento cotidiano que se apresenta como repetido diariamente, mas que possibilita, a partir de observação cuidadosa, “captar relações, experiências e práticas aí envolvidas” que muito revelam sobre as formas de viver e se apropriar da cidade.

Os instrumentos, preparação e realização desta metodologia, inclusive alguns dos resultados obtidos com os mapas de percursos, são detalhadamente descritos: trata-se do acompanhamento integral e presencial dos cidadãos pelos pesquisadores em seus percursos entre casa - trabalho - casa, e de seus registros em tempo real através de aplicativos para rastreamento de rotas e percursos acionados por dispositivos móveis com vistas à posterior mapeamento e análise.

Ao longo de sua elaboração decidiu-se pela realização do acompanhamento de quatro perfis em cada uma das cidades médias estudadas, e oito perfis na área metropolitana paulistana (quatro em Cidade Tiradentes, em São Paulo, e quatro no bairro dos Pimentas, em Guarulhos). Decidiu-se ainda que os perfis poderiam, em alguma medida, variar de acordo com as especificidades de cada cidade, por exemplo: na área metropolitana paulistana, a ênfase foi a inter(multi)modalidade entre os diferentes transportes; em cidades médias, em que a oferta do transporte público é deficitária, destacou-se o uso de outros modais, como a motocicleta em Mossoró ou a bicicleta em Dourados. Em todos os casos, a construção dos critérios levou em conta a diversidade de gênero, idade, profissão, e condições de trabalho dos cidadãos; e ainda a cobertura de diferentes áreas de origem de suas casas no interior das cidades, bem como a variedade de áreas de destino para o trabalho: áreas centrais, intermediárias ou periféricas.

Como perspectiva analítica, observamos que a experiência fragmentada dos cidadãos no deslocamento casa-trabalho-casa, não guarda necessariamente relação direta com o porte e estrutura das cidades estudadas, assim, as grandes medidas de tempo entre casa e trabalho são observadas em São Paulo, mas também em Ribeirão Preto e Mossoró, por exemplo. Da mesma forma, as diversas estratégias cotidianas encontradas para driblar as dificuldades se apresentam para os cidadãos da área metropolitana paulistana, mas também para os cidadãos das cidades médias, mesmo quando essas últimas possuem

⁵ Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC), Campus São Bernardo do Campo; membro da equipe do Projeto Temático FragUrb.

tecidos urbanos de menores dimensões, como Mossoró, Maringá, Ituiutaba e Ribeirão Preto.

Chama a atenção ainda a naturalização da experiência dos deslocamentos, mesmo quando ele significa estados físicos excessivos de exaustão e grande comprometimento do orçamento mensal com o transporte, muitas vezes não pagos pelos empregadores (no contexto da reforma trabalhista em vigência no Brasil, desde 2017). Há ainda o inequívoco reconhecimento das distâncias temporais dos percursos, medidas e apropriadas pela escala do corpo (o tempo que este percorre), mas nunca se conhece as distâncias espaciais na escala da cidade, bem como, se constata pouco conhecimento da cidade (à exceção dos pontos dos percursos), partidas, baldeações, chegadas. Nesse sentido, se confirma a lógica socioespacial fragmentada.

4. Netnografia na análise da fragmentação socioespacial

Antonio Bernardes⁶

A equipe interdisciplinar responsável por essa frente metodológica traz à discussão, num primeiro âmbito, as redes sociais virtuais e a sua contribuição para os estudos urbanos, em especial, para o entendimento da fragmentação socioespacial. Num segundo âmbito, há o desenvolvimento de tecnologias e inovação dentro do contexto da *responsible research and innovation*, concepção consolidada em discussões na *European Commission's Science in Society* (OWEN *et. al.*, 2012).

Estes âmbitos estão correlacionados na medida que entendemos que a Netnografia, muito utilizada nos estudos em Comunicação Social (RECUERO, 2014; BERNARDES, 2021), foi adaptada para os estudos geográficos para pôr em relevo os aspectos espaciais do fenômeno. Nesse intento, foi necessário o desenvolvimento de *softwares* (robôs) para captação de dados no Facebook, Instagram e Twitter, que tivessem não só como objetivo as relações sociais, mas também as espaciais.

Realizamos a Netnografia em Conjuntos Habitacionais financiados pelo Programa MCMV faixa 1, nas cidades de Presidente Prudente e Dourados e há outros três em execução nas cidades de São Paulo, Chapecó e Ituiutaba. Exceto para a cidade de São Paulo, em que captamos dados no Instagram e Facebook, nas demais, optamos somente pelo Facebook. Isto se deve a especificidade do Projeto FragUrb, em que se privilegiou, sobretudo, dois planos analíticos: passagem da lógica socioespacial centro-periférica para a lógica socioespacial fragmentária; e, a interpretação da fragmentação socioespacial por meio das formas contemporâneas de diferenciação e desigualdade, a partir das práticas associadas ao cotidiano urbano.

Com base em estudos já concluídos, captamos muitos dados que reforçam a fragmentação socioespacial, sobretudo, pelas dinâmicas relacionadas às atividades de comércio e consumo nos conjuntos habitacionais das cidades de Presidente Prudente e Dourados. Já para aquele de São Paulo, destaca-se estas dinâmicas e aquelas de lazer. Em Ituiutaba e Chapecó, estamos em fase

⁶ Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus Angra dos Reis, e dos programas de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Unicamp e de Pós-Graduação em Geografia da UFSCar. É membro da equipe do Projeto Temático FragUrb.

exploratória, mas que já produziu resultados próximos àqueles captados nas cidades de Presidente Prudente e Dourados.

Desse modo, sublinhamos que as relações desenvolvidas pelas redes sociais virtuais possuem, cada vez mais, estreita relação com aquelas presenciais, a ponto de corroborar com os processos de fragmentação socioespacial que, em nossos estudos de caso, estão melhor evidenciados nas cidades médias.

5. Referências

BERNARDES, A. Como pesquisar as redes sociais virtuais em Geografia? **Estudos Geográficos** (UNESP). v.2, p.22-34, 2021.

BRENNER, N. **Implosions-Explosions**. Towards a study of planetary urbanization. Berlin: Jovis, 2014.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XIII, **Anais....** Ouro Preto, 2002. Disponível em www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/com_JUV_PO27_Neto_textos.pdf, acessado em 06 de fevereiro de 2006.

MAGRINI, M. A. **Vidas em enclaves**. Imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. 2013. 488 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013.

MORCUENDE, A. Diferenciación y fragmentación socioespacial: la contradicción campo-ciudad como teoría y como método. **GEOUSP**. v. 25, n. 2, e-177986, ago. 2021.

OWEN, R.; MACNAGHTEN, P.; STILGOE, J. Responsible research and innovation: from science in society to science for society, with society. **Science and public policy**. v.39, n.6, p.751-760, 2012.

RECUERO, R. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. Pelotas, n.16, v.2, p.60-77, 2014.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. n. 54, p. 81-99, 1977.

SPOSITO, M. E. B. **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos - FragUrb**. 78 fl. Projeto Temático Fapesp, 2018.